RAÍZES DA INTOLERÂNCIA[1]

Mara Selaibe*

Freud, em textos teóricos e metapsicológicos - clássicos da psicanálise - escreveu as bases da constituição do psiquismo e a partir delas podemos dissertar a respeito das raízes irracionais da intolerância. O árduo estabelecimento da discriminação entre eu e não-eu implica um longo trabalho para ultrapassar, sempre apenas em certo grau e com considerável esforço ininterrupto, o tipo de natureza paranóica de nosso narcisismo básico e fundante a fim de complexizar em direção ao reconhecimento e a aceitação – e inclusive a admiração – por aquilo que nos é estranho, que nos é outro ou apenas díspar. Tornamo-nos únicos e humanos pela via dupla da identificação e da diferenciação/separação. Tal paradoxo permanece sempre e recrudesce a cada situação de perseguição, de impedimento da afirmação da diversidade, de ataque físico e psíquico à alteridade visando imobilizá-la e neutralizá-la. A violência contra um outro humano se impõe totalitária e faz valer a partir dela a homogeneização, o extermínio da diferença. Os psicanalistas, trabalhando com pessoas, grupos e instituições – e se utilizando de método específico – têm a chance de acessar tais manifestações inclusive e especialmente em micro movimentos intrapsíquicos e intersubjetivos.

Se tomados em conjunto, muitos dos escritos de Freud (tais como Totem e Tabu (1912-3), O Narcisismo (1914), Considerações sobre a guerra e a morte (1915), Pulsões e Destinos das Pulsões (1915), O Estranho (1919), Para Além do princípio do Prazer (1920), Psicologia das Massas (1920 [1921]), O Eu e o Isso (1923), O Futuro de uma Ilusão (1927), O porquê da guerra (1932 [1933])) nos indicam um bom caminho para pensar a diferença, a diferenciação – bem como as resistências a elas – seja nos indivíduos seja nos grupos, nas instituições e nas massas. Mas seu texto principal nessa direção é, sem dúvida, O Mal Estar na Civilização (1929 [1930]). Quando lemos cada uma dessas páginas temos a impressão de que Freud fosse um visionário. Mas não. Era um pensador cuidadoso, um pesquisador acurado que buscou os móveis estruturantes da constituição do humano sem jamais perder de vista que este nasce, por princípio, instituído em sua história familiar, enraizada socialmente.

* Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*. Pesquisadora do *Diversitas* – Núcleo de Estudos das Diversidades, das Intolerâncias e dos Conflitos/ USP. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP, mestre em Psicologia Social pela PUC/SP e autora do livro *Ensaio clínico sobre o sentido*. São Paulo: EDUSP e Casa do Psicólogo, 2003.

No caminho que traça a partir da teorização do narcisismo até o sentimento inconsciente de culpa, o complexo de Édipo – com a derivação das instâncias do supereu e do ideal do eu – e a afirmação da pulsão de morte, o lugar ocupado pela própria violência deve ser considerado estruturante: sendo a violência algo inerente, a sociedade não tem como, simplesmente, se livrar dela. É necessário encontrar formas de inseri-la. Formas

1 Este texto foi inspirado nas discussões de trabalho empreendidas, no ano de 2005, pelos componentes do grupo de psicanalistas membros do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* e, na ocasião, participantes do Centro de Estudos de Psicanálise do LEI/USP. O texto foi apresentado pela autora no I Seminário Interno do LEI/USP *Fronteiras da Intolerância*, em 2005.

reguladas, formas mesmo sublimadas, formas que a contenham dando-lhe alguma chance de expressão. Caso contrário, a violência toma as rédeas da vida coletiva e se espraia sem limites. Seu avanço arrebenta o controle tão arduamente sustentado em um ponto de equilíbrio instável sempre pronto a se romper.

Uma versão freudiana da história humana sobre a conquista da tolerância pode ser contada pelo viés da história da coerção interior, efetuada pelo superego, na direção do impedimento dos desejos incestuosos bem como da violência destrutiva dirigida ao outro. Mas isso não depende apenas da trama de cada qual mergulhado em suas marcas e cartografias inconscientes. Há uma problemática inerente e constante entre a formação do sujeito psicossexual e a montagem social que o integra e o contém com práticas estéticas, éticas e políticas que administram (ou não) as desigualdades sociais materiais que o afetam. Não basta coibir o incesto: é preciso regular as trocas e sustentar as ofertas. A economia libidinal precisa ser atendida. Mas, apesar de tantos esforços e cuidados Freud nos alerta que algo sempre permanecerá misterioso, pronto a irromper, no obscuro território dos confins do mal que nos habita – a todos. O mal-estar na cultura é o mal radical, o mal inerente à condição humana do qual não nos livramos, apesar de buscar transformá-lo pelos andaimes das construções civilizatórias.

Entretanto, em nome da Civilização, quanta intolerância para com as civilizações e culturas estrangeiras! Como se, considera Freud, tal qual na antiguidade clássica, estrangeiro e inimigo fossem conceitos amalgamados... E é nesse texto "Considerações sobre a guerra e a morte" (1915), portanto anterior à postulação mesma da pulsão de morte, que escreve:

"Na realidade, não há um *extermínio do mal*. A investigação psicológica – ou, mais rigorosamente, psicanalítica – mostra que a essência mais profunda do homem consiste em impulsos pulsionais de natureza elementar, iguais em todos e tendentes à satisfação de certas necessidades primárias. (...) Deve conceder-se, desde logo, que todos os impulsos que a sociedade proíbe como mal – tomemos como representação dos mesmos os impulsos egoístas e cruéis – se encontram entre os tais impulsos primitivos."[2]

A transformação dos impulsos egoístas e cruéis na direção de algo socialmente valorizado é possível. Para tanto são arregimentadas forças e fatores internos (influxo erótico sobre os impulsos, necessidade humana de amor, ações do recalque) e externos (coerção da educação, condições do ambiente). Ora, mas então, o que ocorre que a transformação não é efetivamente conquistada e nem sequer mantida quando alcançada parcialmente? Exemplo mais prosaico são os sonhos (movidos sempre por motivos puramente egoístas); os mais contundentes não nos faltam historicamente e se localizam nas guerras, nas perseguições e extermínios justificados através da religião, da política ou de uma suposta superioridade (mulheres, crianças, velhos, homossexuais; judeus, árabes, índios, negros, bósnios, a lista é longa, infelizmente); nas ditaduras e, hoje, no pior: no terrorismo. Mas temos diante de nós, no cotidiano, exemplos tantos da falta de entendimento, de discernimento e penetração que mesmo pessoas inteligentes, bem educadas e de fino trato demonstram diante de situações de preconceito e intolerância mediante as pequenas diferenças. É justamente nesse aspecto cotidiano, das práticas menores e persistentes, que encontramos a força de reposição coletiva desses males.

2" Freud, 1915, p. 2105.

Em O Mal Estar... Freud nos dá a chave para o entendimento desse "narcisismo das pequenas diferenças", o qual permite aos homens e mulheres alguma satisfação das pulsões de morte (enunciadas dez anos antes) uma vez que a renúncia delas gera-lhes um custo excessivo. A base de tanta intolerância mútua, aparentemente não justificável, ganha algum sentido aí. Então escreve:

"Sempre se poderá vincular amorosamente entre si um maior número de homens, com a condição de que sobrem outros em quem descarregar os golpes. Em certa ocasião me ocupei do fenômeno de que as comunidades vizinhas e ainda aparentadas, são precisamente as que mais se combatem e desdenham entre si, como por exemplo, espanhóis e portugueses, alemães do Norte e do Sul, ingleses e escoceses, etc. Denominei a esse fenômeno *narcisismo das pequenas diferenças*, ainda que tal termo muito pouco contribua para sua explicação. Podemos considerá-lo como um meio para satisfazer, cômoda e mais ou menos inofensivamente, as tendências agressivas, facilitando-se assim a coesão entre os membros da comunidade. O povo judeu, disseminado por todo o mundo, se fez credor de tal maneira de importantes méritos quanto ao desenvolvimento da cultura dos povos que o hospedam; mas, por desgraça, nem sequer os massacres dos judeus na Idade Média conseguiram que esta época fosse mais aprazível e segura para seus contemporâneos cristãos. Uma vez que o apóstolo Paulo fez do amor universal pela Humanidade o fundamento da comunidade cristã, surgiu como conseqüência iniludível a mais extrema intolerância do cristianismo frente aos gentios; em troca, os romanos, cuja organização estatal não se baseava no amor, desconheciam a intolerância religiosa, apesar de que entre eles a religião era coisa do Estado e o Estado estava saturado de religião. Tampouco foi por compreensível azar que o sonho da supremacia mundial germânica recorrera como complemento à incitação ao anti-semitismo; por fim, nos parece bastante compreensível o que a tentativa de instalar na Rússia uma nova cultura comunista recorra à perseguição dos burgueses como apoio psicológico. Mas nos perguntamos, preocupados, que farão os *sovietes* uma vez que hajam exterminado totalmente a seus burgueses."[3]

A alternativa ao narcisismo está no pacto social que forneça a todos e a cada qual uma boa razão para abrir mão de sua fruição imediata e construir uma passagem ao campo compartilhado. O mais importante na constituição do ideal do eu é o que a cultura oferece ao indivíduo. Mas, atualmente, quando solicitamos a um jovem que cresça e se torne cidadão participativo, o que nossa cultura tem a lhe oferecer? Serão "ideais de nada"[4]? O que leva, hoje, a que algumas sociedades sejam mais tolerantes do que outras? Como se negocia a violência no mundo contemporâneo? Quais estratégias de caráter psíquico são destinadas a ela? Todo agrupamento social tem regras de regulação do sexo e da violência justamente porque, como é bem sabido, na vida humana esses aspectos são presentes intensamente e não dispomos de regulações naturais.

O mais importante é lermos essas perguntas do ponto de vista psicanalítico. Não vamos eliminar a intolerância. É importante ter em mente que ela pertence à fundação do psiquismo por ser da ordem do narcisismo. Mas o que compete a quem trabalha com esta questão? Quais os mecanismos de contenção, sempre temporários, que valem para uma época em um determinado lugar? Psicanaliticamente pensando, um ato violento

3" Freud, 1930, pp. 3047-8.

4" Cf. Jean-Jacques Rassial, 2004, pp. 135-48.

primordial é preciso para circunscrever, regular a violência. É fundamental que haja algo que interfira incisivamente, algo capaz de fazer um corte naquilo que permite o gozo narcísico contra a constituição do tecido coletivo. A proibição do incesto busca regular o sexo e a violência. Ela entra no jogo como parte integrante do arranjo entre o pacto edípico e o pacto social. Se o desejo incestuoso tem de sofrer o interdito não é para que o desejo se extinga, mas para que possa se articular na gramática das trocas sociais da civilização em causa. Para tanto a civilização tem de oferecer algo que valha a pena pela inclusão – contrariamente à exclusão e à intolerância das diferenças tão freqüente nos nossos dias.

Contudo, podemos nos perguntar se não estamos **ainda** no campo das generalidades. Sim, penso que sim. Sem querer frustrar alguma expectativa que possa haver diante das contribuições psicanalíticas sobre o tema da intolerância, devo afirmar que esses apontamentos tão genéricos e conhecidos devem servir para dar o tom através do qual procuro estabelecer uma rede conceitual. De Freud aos dias de hoje muito se tem buscado elaborar. E a maneira específica de uma elaboração psicanalítica é encontrada a partir de pedaços, de bocados, de partes, de situações pontuais diante das quais nos dedicamos a pensar. A psicanálise não é um saber totalizante e precisa ser trabalhada no registro singular, minucioso das investigações psicanalíticas. São muitos os mal-estares da nossa civilização; são tão singulares que as formulações teóricas trazidas até agora podem ser as bases do pensamento, mas são, de longe, insuficientes porque as nossas problemáticas jamais se homogeneízam. O passado histórico segue nos desafiando e sequer as respostas que já demos a ele podem nos satisfazer mediante as questões presentes. Processos psíquicos gerais não são respostas a ocorrências, a acontecimentos com especificidade e conjuntura inequívocas. A tradição psicanalítica ensina que em meio ao fato e ao relato precisamos buscar o detalhe, o quase desprezível, o menor, o *non-sense* como matéria-prima. O psicanalista deve ir até onde as manifestações inconscientes se expressam ou se dão a ver pela via transferencial enigmática, por tantas vezes misteriosa, dos sintomas.

Nossa função é encontrar pontos singularizantes no tecido social, sobre os quais a psicanálise possa se dedicar com seus instrumentos a fim de elaborar algo e, então, dizer. Para tanto temos de nos colocar à disposição da instalação das transferências, das manifestações das resistências e, claro, do inconsciente nos lugares onde humanos se compõem. O que nos interessa? Acompanhar o esforço de crianças desamparadas que insistem em sobreviver longe de qualquer rede própria do pacto social e para as quais ainda se exige que não atrapalhem a ordem de nossas cidades? Conhecer o modo de existência psíquica dos velhos que têm seu tempo de vida ampliado, mas sua rede de relações minimizada até, por vezes, o isolamento participativo e a infantilização? Ir até as ruas tomar pé do que seja resistir e não enlouquecer nas bordas da cidade apesar de todos os esforços públicos e privados para esconder e eliminar a miséria humana que insiste? Dar à loucura alguma chance de expressão fora do território da patologia e da segregação? Descobrir como o preconceito racial contra os negros age na construção subjetiva desde a infância e a adolescência? Aproximar o foco da vida psíquica daqueles que sofreram tortura ou perdas decorrentes de torturas? Arriscar hipóteses sobre o funcionamento psíquico dos torturadores que ainda hoje agem nas prisões comuns? Pesquisar a adolescência daqueles para quem a sociedade só deixa entrever promessas de nada para seus futuros e que se organizam em bandos e gangues para dar conta dessa perspectiva? Lançar uma questão diante das mentes que fazem identificações com a figura do mártir (e não com a do herói...) quando se lançam como homens-bomba?

Arriscar saber algo, afinal, sobre o que implica deixar de viver como índio e não chegar a viver como branco – ser mantido na deriva em termos de sustentação psíquica grupal? Tantas coisas podem nos chamar e nos chamam de fato. Mas cada um desses pontos só se torna possível como investigação em diálogo de crescente transversalização com as demais áreas envolvidas neste Laboratório.

Para o momento presente, a tarefa mais imediata é a de constituir um campo referencial psicanalítico freudiano, que se irradia a partir do pensamento de Freud, para usá-lo como ferramenta móvel a cada vez que, ao longo do percurso, uma pesquisa teórica, uma construção estética, uma intervenção crítica, uma formulação de política institucional se mostrar o foco de nossas atenções. Os mais variados projetos cabem nos contornos nada rígidos que estabelecemos para nosso trabalho. Desde que a contribuição se faça nítida sobre essa linha, às vezes tênue, marcada pela tolerância/intolerância.

BIBLIOGRAFIA

Freud, S., BN (Biblioteca Nueva). *Sigmund Freud – Obras Completas*; trad. Luis Lopes-Ballesteros y Torres. Madri, 1973.

(1915) "Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte", BN Vol. II.

(1920) "Mas allá del principio del placer", BN Vol. III.

(1930) "El Malestar em la cultura", BN Vol. III.

Katz, C. S., "Psicanálise e cultura: uma herança freudiana?" in *Percurso – Revista de Psicanálise* – Ano XV – Nº 34 – 1º sem/ 2005

Menezes, L. C., "Freud e a pedagogia" in *Fundamentos de uma Clínica Freudiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Rassial, J. J., "Questões pós-modernas e psicanálise" in *Percurso – Revista de Psicanálise* – Ano XVII – Nº 31-32 – 2º sem/ 2003 e 1º sem/2004.

Rouanet, S. P., "Dupla Utopia psicanalítica" in *Percurso – Revista de Psicanálise* – Ano XVII – Nº 33 – 2º sem/2004.